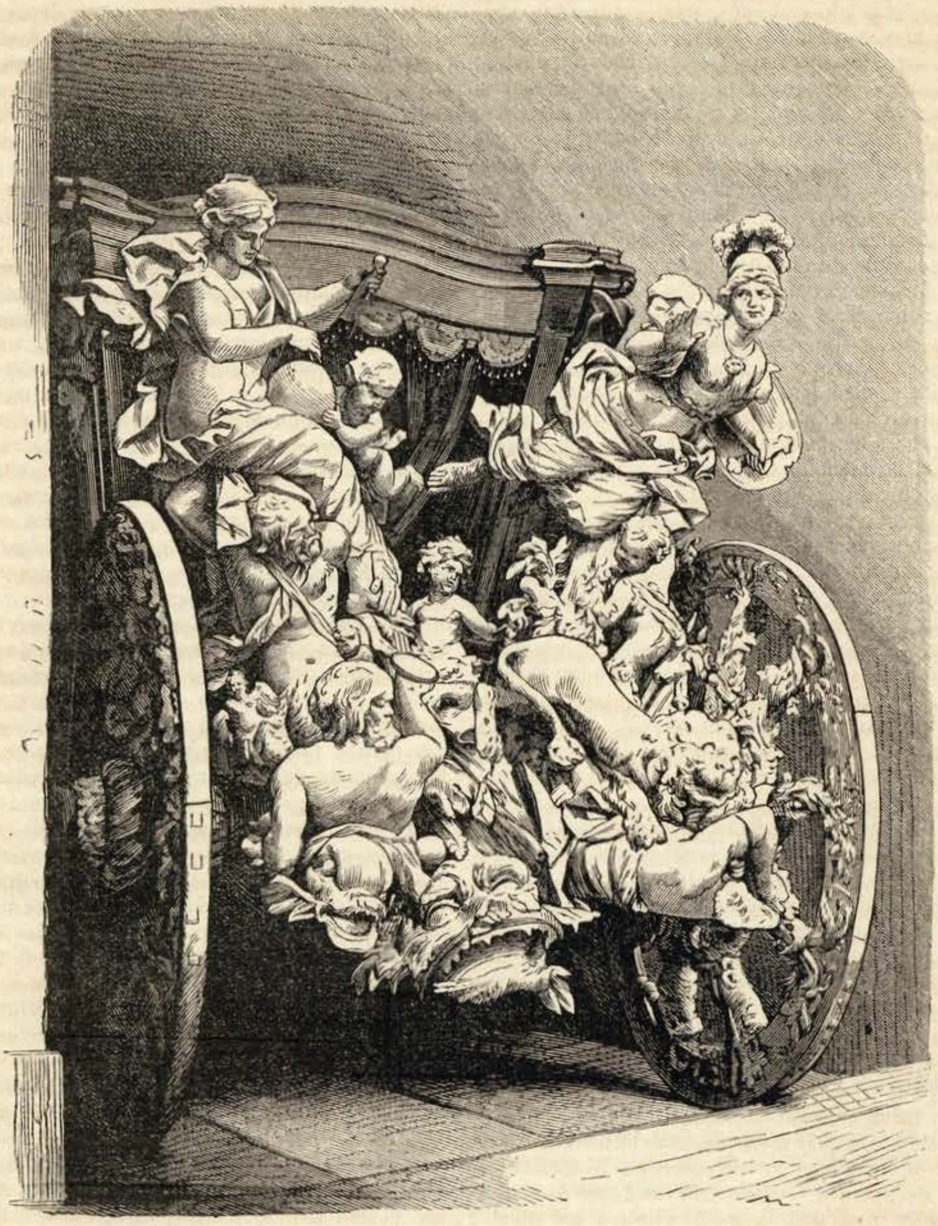


Trazeira de um dos coches de gala ou carroças triumphaes del-rei D. João V

## LUXO E MAGNIFICENCIA DA CORTE DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 115)

XI

O programma das solemnidades e festas com que el-rei D. João V determinára celebrar as nupcias de seus filhos ainda não estava preenchido. Faltava-lhe uma parte muito importante, qual era a entrada publica dos principes do Brasil na capital do reino e os festejos com que havia de ser solemnisada. Este remate de tão sumptuosas funcções correspondeu cabalmente ás pompas e esplendores ostentados no Caia pela corte portugueza.

Para transportar a familia real, o seu numerosissimo sequito, e os coches, cavalgaduras e bagagens, foram enviados para a boca do Montijo um bergantim real, trinta galeotas e escaleres; e mais de mil faluas, fragatas, bateis, varinos e outras embarcações que navegam no Tejo.

O bergantim foi feito expressamente para servir n'este dia. Excedia muito no tamanho, bem como em elegancia e riqueza, a todas as embarcações reaes até então vistas no Tejo. Tambem se estrearam n'esta occasião os mais ricos escaleres e galeotas que figuraram no cortejo.

Pelas dez horas da manhã do dia 12 de fevereiro largou de Aldeia Gallega o bergantim real. Logo atraz vinham as trinta galeotas e escaleres, dispostos em duas alas, e em seguida velejava aquella immensa frota de barcos de tão variados feitios e tamanhos, todos empavezados de bandeiras e flammulas multicores.

Atravessou o rio este brilhantissimo cortejo em direitura ao convento da Madre de Deus, em frente do qual o saudaram as salvas de artilheria do castello de S. Jorge, das fortalezas do Tejo e dos navios da

armada. Desde aquelle convento até Belem ia costeando terra, e em todo este trajecto a sua passagem foi verdadeiramente triumphal. As acclamações do povo accumulado nos caes, nas janellas dos edificios e no alto dos montes sobranceiros ao rio; os vivas das tripulações dos navios de guerra e mercantes; as girandolas de foguetes estoirando no ar por toda a parte, em terra e no rio; as salvas, que se repetiram por mais duas vezes, defronte do Terreiro do Paço e na chegada a Belem; muitas bandas de musica marciaes, dispostas em differentes pontos da marinha, tocando alegres hymnos; e, finalmente, aquelle innumeravel concurso de embarcações, muitas d'ellas refulgindo cobertas de oiro e sulcando magestosamente as aguas, formavam um espectaculo tão soberbo e maravilhoso como esses que phantasiára o engenho imaginoso do auctor das *Mil e uma noites*.

Para o desembarque da familia real tinha-se construido um caes e comprida ponte em frente dos jardins do palacio de Belem, no logar em que vemos agora o caes de pedra da bella praça de D. Fernando. Apesar de ser feita de madeira toda aquella obra, era magnifica e custou muitos contos de réis.

Desembarcava-se dos escaleres em uma ampla escada de vinte degraus, no cimo da qual se levantava a grande altura um arco triumphal, de architectura esbelta e coroado com as estatuas da Liberdade, da Fama e da Fortuna. Era esta a entrada da ponte, que tinha de comprimento uns dezoito metros, sendo guarnecida de ambos os lados com balaustradas e vasos de flores, e o pavimento coberto de alcatifas. Onde acabava a ponte erguia-se um templo, cuja cupula, pintada interior e exteriormente com figuras allegoricas, era sustentada por columnas jonicas.

Saíram do bergantim os soberanos e principes, e dirigiram-se ao paço de Belem, onde se achava preparado para toda a corte um lauto refresco. Demoraram-se aqui suas magestades e altezas em quanto desembarcavam todas as pessoas da sua comitiva, e se aprompiava e punha em ordem o prestito real.

Era uma hora da tarde quando o cortejo se poz em marcha para a cidade, que n'esse tempo se achava muito afastada de Belem.

Havia no prestito alguma differença do que conduzíra a familia real da cidade de Elvas ao Caia, differença determinada pelo ceremonial usado na entrada publica dos soberanos na cidade de Lisboa.

Iam na frente, a cavallo, os dois procuradores da cidade, seguindo-se: todos os empregados do senado da camara; os corregedores, tribunaes e mais empregados de justiça; os porteiros da canna, seis dos quaes levavam aos hombros maças de prata; os reis d'armas [1], arautos [2] e passavantes [3], com as suas cotas e collares de oiro; o coche do corregedor da corte e casa; quarenta e oito coches dos titulares; doze coches com os camaristas dos infantes e del-rei, com os estribeiros-móres, veadores e confessores da princeza do Brasil e da rainha; o coche do estribeiro-mór del-rei; o coche das camareiras-móres; onze coches das damas, açafatas e moços da camara; nove coches de estado, ou de respeito, da infanta D. Francisca, dos infantes D. Antonio, D. Francisco, D. Pedro e D. Carlos, da princeza e do principe do Brasil, da rainha e del-rei; um coche com o infante D. Antonio, outro com o infante D. Francisco, outro com os infantes D. Pedro e D. Carlos, outro com el-rei, a rainha e principes do Brasil; sessenta moços de estribeira, a cavallo, etc., etc.

Entre os trinta e nove coches da casa real que figuraram n'este acompanhamento havia alguns que foram estreados n'este dia. O mais rico d'estes, e tão rico que sobresaía a todos os que até então se tinham visto em Lisboa, assim como aos que depois se viram, era o da pessoa del-rei. Esmeraram-se tanto os artistas parisienses em o aformosear e enriquecer, que, sendo exposto ao publico antes de vir para Portugal, causou admiração na propria capital da França, não obstante estar costumada a ver as pomposas equipagens del-rei Luiz XIV. Contâmos offerecer aos nossos assignantes, n'este volume, uma gravura d'este soberbo coche, que ainda se conserva em bom estado nas cocheiras reaes da calçada da Ajuda.

Poz-se em marcha o prestito para a cidade, e, chegando defronte do palacio do conde de Villa Nova de Portimão, hoje da casa de Abrantes, parou a fim de se pôr na ordem em que havia de fazer a entrada solemne em Lisboa. Saíram dos coches os tres capitães das guardas reaes e mais de quarenta moços da camara. Os primeiros montaram a cavallo e collocaram-se aos lados do coche de suas magestades; e os segundos formaram alas, a pé, de um e outro lado do mesmo coche. Os soldados d'aquellas guardas vieram fazer uma segunda ala em volta do dito coche, e os sessenta moços da estribeira, tomando logar pela parte de fóra dos ultimos, tambem a pé, fizeram terceira ala.

Assim ordenado, proseguiu o prestito real até ao largo da Esperança. Tinham já decorrido longos annos depois que a cidade, rompendo o cinto de muros torreados com que a cingíra el-rei D. Fernando, se estendêra pelos arrabaldes. Na epocha, pois, em que se passam estas scenas, era aquelle largo o limite de Lisboa para a parte do occidente. Achava-se, portanto, alli o senado da camara para receber e felicitar os soberanos e principes, que se apearam para ouvirem o discurso do mais antigo dos vereadores, ao que se seguiu a costumada entrega das chaves da cidade.

Em todas as ruas do transito até á patriarchal, situada junto dos paços da Ribeira, e que ficava a um dos lados da praça chamada primitivamente *pateo da Capella*, depois *praça da Patriarchal*, e ao presente denominada do *Pelourinho*, viam-se, de espaço a espaço, com curtos intervallos, arcos triumphaes de grande e custosa fabrica, levantados pelos inglezes, francezes, italianos e allemães residentes em Lisboa, e empregados no commercio e outras industrias, e pelos negociantes, artistas e officiaes dos diversos officios mecanicos da cidade.

Tendo entrado as differentes classes em competencias de qual apresentaria mais brilhante demonstração do seu affecto e respeito á familia real, todos os arcos eram grandiosos e ostentavam muita riqueza, principalmente em pintura e tapeçarias. O primeiro arco, erigido no largo da Esperança, era o dos inglezes. Os outros levantavam-se na calçada do Combro, na rua direita do Loreto, rua larga das Portas de Santa Catharina, Chiado, rua Nova do Almada, rua Nova dos Ferros, praça do Pelourinho [1], Terreiro do Paço e largo da Patriarchal. Todas estas ruas e praças estavam areiadas e juncadas de verdura e flores. As casas, até aos primeiros andares, tinham as paredes vestidas de pannos de Arrás, e as portas e janellas com armações de damasco. Em grande numero d'ellas viam-se espelhos entre as janellas.

Toda a tropa da guarnição de Lisboa, infanteria, cavallaria e artilheria, estava formada no Terreiro do Paço, e ahi deu as descargas do estilo, seguidas das salvas do castello, fortalezas e embarcações de guerra, á entrada da corte na patriarchal.

O interior do templo reluzia por toda a parte com as pedras preciosas, oiro e prata dos vasos sagrados,

1 Os tres reis d'armas intitulam-se Portugal, Algarve e India.

2 Os tres arautos são denominados Lisboa, Silves e Goa, antigas capitaes d'aquelles tres reinos.

3 Os tres passavantes chamam-se Santarem, Tavira e Cochim, que eram antigamente, depois d'aquellas cidades, as principaes terras dos ditos reinos.

1 Ficava esta pequena praça proxima do Terreiro do Paço, no sitio correspondente aos quarteirões da rua da Prata, entre as ruas dos Capellistas, ou Nova d'El-rei, e dos Retrozeiros, ou Nova da Conceição.

das alfaias e das armações. O celebrado thesouro da capella real, que encerrava tantas e tão variadas riquezas, achava-se alli disposto em apparatosa exposição.

Depois de se cantar um *Te Deum* por musica vocal e instrumental, subiram do templo para o paço suas magestades e altezas, e logo se deu principio ao beija-mão.

Fizeram-se n'essa noite esplendidas illuminações, e houve um fogo de artificio de invenção grandiosa e magnifico effeito. Os arcos triumphaes acima referidos, alguns palacios dos mais opulentos fidalgos da corte, o Terreiro do Paço e os navios de guerra, apresentaram mui vistosas illuminações. Estes ultimos, principalmente, offereciam um espectaculo, no dizer de testimunhas oculares, magestoso e deslumbrante.

O fogo teve por theatro a praça d'armas do castello de S. Jorge. Fizeram-se alli para esse fim grandes construcções, com o auxilio das quaes se conseguiu imitar, com fogos artificiaes, dizem que com a maior naturalidade possivel, uma erupção do Vesuvio, cascatas e fontes com muita variedade de repuxos, como as que se admiram, alimentadas por agua, no parque e jardins de Versalhes, em França.

Repetiram-se estes festejos, e varios outros, nos tres dias seguintes. O fogo de vistas do castello de S. Jorge importou, nas quatro noites, na avultada quantia de quarenta contos de réis, ou de cem mil cruzados, que era o modo de contar n'aquelle tempo, e assim achâmos escripto em memorias contemporaneas. Esta somma, em uma epocha em que o oiro e a prata tinham um valor muito inferior ao que hoje tem, poderá dar uma idéa da grandeza do espectaculo. E um tal dispendio em quatro fogos de artificio póde tambem servir de base para se calcular o dinheiro que custaram ao thesouro de Portugal a jornada ao Caia, o encontro e visita das duas familias reaes da peninsula, e as festas do casamento do principe D. José e de sua irmã, a infanta D. Maria Barbara.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

## A LENDA DO ETHER SULPHURICO

(Conclusão. Vid. pag. 114)

Aggravára-se a molestia do margrave, contra a qual nada valiam tizanas e simples dos mais afamados empiricos.

Achacado de manias sanguinarias e violentas, o terrivel castellão saía armado de ponto em branco pela poterna abobadada, e corria á ponta da lança, montado no seu cavallo de batalha, os timidos habitantes do burgo, que se escoavam pela campina.

Durante essas correrias medonhas, em que o fidalgo largava o cavallo a toda a brida, e, com a lança enristada, despedia chispas pelos olhos e varria tudo adiante de si, a ninguem obedecia o velho castellão. Queria sangue, sangue, morte e ruinas. Debalde os camponezes erguiam os supplices braços aos ceos e clamavam perdão. O louco sanguinario despedia o gladio, vibrava a lança, e, espumando de raiva e delirio, proseguia tréfego e fragueiro, semeando o terror e o espanto em derredor.

Valerio Cordus, emtanto, passava dias soterrado no seu laboratorio em continuo labutar. Quando sobrevinha a noite, saía a furto, descia a escarpa do fosso, subia á paliçada, galgava as barbacãs, e, entrando por uma poterna escusa, apertava nos braços a linda castellã, que o amava delirante, como sabem amar as poeticas e singelas virgens da pudica Allemanha.

— Valerio, clamava ella, este amor ha de ser-nos fatal. Cruel maleficio deitaram a meu pae, que só pensa em matanças e chacinas. Quem sabe se eu sou a causa dos seus tormentos?

— Oh! cala-te, mystica rosa, que com a tua fragrancia divina embalsamas a vida do pobre Valerio. Por ti, só por merecer-te, trabalho noite e dia n'um subterraneo lobrego e escuro. Tu és a luz que me dissipas as trevas d'alma, o raio que me conduz na vereda da sciencia. Por ti, arrostaria a morte e uma eternidade de tormentos do inferno. Por ti e para ti busco a fama, o renome e as riquezas. Oh! Tu has de ser minha. Hei de abraçar-te, assim, bem contra o peito, á face dos homens, bem como o faço agora á face de Deus, que nos vê e abençoa, porque o nosso amor é casto e virtuoso.

— Não! Valerio, não! Negro e atroz presentimento me diz que hemos de ser infelizes. E, comtudo, sem ti, que me importa a vida!

— Socega, alma da minha alma, luz do meu corpo. Não ha trabalho, por grande que seja, que eu não leve a termo só para te alcançar. Hei de curar a sanguinaria loucura do conde de Henneberg, e como premio receberei a tua mão adorada, que me ha guiado no labyrintho da vida.

— Se tal fizeres, Valerio, se conseguires afugentar as trevas que enluctam a razão de meu pae, se rasgares o véo sangrento que lhe empana os olhos, doute tudo, tudo, o corpo e a alma, o sangue e a vida. Seguir-te-hei de rastos pelo mundo; serei mais do que tua esposa, serei tua escrava submissa.

— Serás o meu anjo, a minha consolação. Vae, volta para o tecto paterno, aonde habita a loucura. Vae consolar o misero pae, que se contorce nas vascas do atro delirio. No primeiro intervallo lucido, quando a tenue luz da razão lhe bruxulear no fundo do cerebro, dize-lhe que Valerio, o pobre Valerio, póde salval-o.

E o mancebo apertou ainda nos braços a pudica donzella, cujos loiros cabellos, agitados de leve pela brisa humida da noite, roçaram-lhe as faces encandecidas.

Valerio julgou que aquellas tranças eram azas de anjo, tão suave foi a impressão que sentiu.

A donzella desappareceu como uma sylphide vaporosa.

Deslisando ao longo das muralhas, que se erguiam a pino por sobre a encosta aprumada, quem a visse, illuminada pela lua, sósinha, pensativa, julgára ter evocado alguma visão angelica, uma das poeticas filhas das brumas septentrionaes, que se embalam nas nuvens, gemem com a brisa, sorriem com a pallida aurora, deixam os longos cabellos soltos ao sabor da viração, por onde trepam os gnomos, os espiritos do ar.

Valerio ficou embevecido, extatico, mudo, vendo-a fugir quasi sem tocar com os pés na terra. Por um pouco se arreceiou que os anjos arrebatassem a sua amada para os ceos.

Desfeito o encantamento, limpou uma lagrima de alegria e esperança, e voltou para o subterraneo, onde se entregou á grande obra. O manuscripto de Basilio Valentim tinha-lhe desvendado um segredo, para elle de altissimo momento. Deitando a ferver uma mistura de acido sulphurico ou de oleo de vitriolo e alcool, viu que, em resultado d'esta operação, obtinha um liquido extremamente volatil e muito inflammavel. Denominou-o *oleo de vitriolo dulcificado*, e, jurando nas palavras do mestre, não duvidou curar o furioso castellão.

Em quanto Valerio Cordus, com as pupillas dilatadas, pescoço estendido, fauces abertas, mãos trémulas, corpo arqueado, seguia pallido, receioso, palpitante, a operação alchimica, á qual estava preso o seu futuro, outra scena, não menos curiosa, se representava no castello.

Toda a clerezia dos arredores se havia congregado no velho solar, que estava aspergindo de agua benta, ao passo que com vozes roufenhas entoava exorcis-

mos e emprazava o demonio, sob pena de castigo exemplar, para que abandonasse o corpo do fidalgo, o qual, soltando gritos de desespero, engeitava a santa eucharistia, encerrada nas ambulas e ciborios.

No outro dia aprestava-se Valerio para o solemne combate; e, entrando ousado no castello, jurou pela sua cabeça que era capaz de curar o conde de Henneberg.

Com ser novo, grande reputação de sabio havia alcançado Valerio; por isso foi acceita a sua offerta, sujeitando-se á condição de se encerrar com o doente em uma torre solitaria.

Dois foram os mezes que durou a lucta; mezes de angustia e receio para a donzella, que mal ousava esperar a salvação do pae e a mão do amante. Passado, porém, esse tempo, saiu o conde inteiramente curado, e exclamou em voz alta e sonora no meio dos seus sequazes espantados:

— Como premio e recompensa, dou a mão de minha filha ao meu salvador.

Grande foi a admiração dos circunstantes; maior, porém, foi a alegria dos dois amantes, cujos votos o ceo ouvíra propicio e compadecido.

Correram tres mezes. Ia grande festa no solar. As torres illuminadas lançavam ao longe uns clarões fulvos, que iam morrer na orla da floresta. Ouvia-se um alarido de prazer por todo o ambito. Danças e folgares, repiques de sinos, lautos banquetes, nada faltava ao luzimento e apparato do festejo. Valerio Cordus, o misero e pobre alchimio, desposára a rica herdeira da nobre familia dos Hennebergs. O cortejo que seguia os noivos, jámais se víra outro mais cheio de pompa e garbo. Oiro, diamantes, pedrarias, que n'aquella magica noite brilharam á luz dos brandões, jámais olhos de homem tinham admirado em tal excesso.

Noite de alegria e prazer para todos, de delicias indiziveis, de afagos e carinhos para os noivos.

Por isso, quando os ultimos soidos da festa se esvaeciam, donzellas e donzeis suspiravam de amor.

No outro dia, já o sol ia nado e esparzia a flux os seus raios doirados, e ainda no quarto nupcial não se ouvia o mais tenue rumor. Nenhuma gelosia se abríra. Parecia reinar alli a paz e a escuridão dos tumulos.

Cançados de esperar, abriram os famulos a porta e recuaram espavoridos.

A desposada jazia morta e sangrenta nos braços de Valerio, cuja cabeça estava separada do tronco.

O velho conde de Henneberg, com as mãos retintas de sangue, as barbas brancas salpicadas, os olhos injectados, rubros, saídos das orbitas inflammadas, encostára-se ao montante, e, lançando um olhar sinistro e ameaçador para os cadaveres, soltava umas gargalhadas roucas que faziam arripiar.

Estava doido outra vez.

Tal é a lenda do ether sulphurico, lenda terrivel, como o terrivel barão germanico, cujo typo de familia traçou o grande Gœthe no celebre *Mão de ferro.*

A sciencia conta muitas d'estas lendas, porque os combates com o desconhecido nem sempre são incruentos. Quantas vezes a que devêra ser candida e immaculada tunica da verdade é regada pelo sangue do martyrio? Que o digam os viajantes que denodados se entranham nas invias solidões, e morrem sacrificados affrontosamente pelos selvagens.

Passaram dois seculos depois da tragica morte dos desposados. No primeiro quartel do seculo passado, um chimico inglez, chamado Griffiths, achou a fórmula do *oleo de vitriolo dulcificado*, ou *oleo doce de vinho.* Griffiths estudou e aperfeiçoou a fórmula, e preparou, em fim, o ether como hoje se prepara, e deu-lhe este nome em virtude da sua extrema fluidez.

O novo agente therapeutico alcançou grande voga, e todos porfiaram em lhe determinar a fórmula. O proprio Newton entregou-se a este trabalho com o costumado ardimento. Quatorze annos depois, foram mais felizes Grosse e Duhamel, porque descobriram, descreveram e vulgarisaram os processos de fabricação, os quaes, desde esta epocha, poucas ou nenhumas modificações hão soffrido.

Por muito tempo se exaggerou a importancia curativa do ether sulphurico. Newton chegou a julgal-o verdadeira panacêa. Hanckwitz, Hellot e Geoffroy de tal arte lhe apregoaram as virtudes, que todos á uma desejavam tomar tão poderoso remedio.

No principio d'este artigo já vimos quaes as propriedades therapeuticas do ether sulphurico, propriedades bem restrictas e limitadas.

Muitos são os usos do ether, mas o principal consiste na preparação do *collodium* photographico.

A. Osorio de Vasconcellos.

---

## GELLERT

### FABULISTA E MORALISTA ALLEMÃO

I

Christiano Gellert nasceu em Haynichen, aldeia da Saxonia, proximo de Freyberg, aos 4 de julho de 1715. Era cura de almas seu pae, cujos haveres deviam de ser tão escassos, que mal chegavam para o sustento da familia, composta de treze filhos.

Em um ensaio poetico, que compoz ainda em mui verdes annos, Christiano Gellert representava a familia sob a fórma de treze pilares que se viam em frente da casa paterna, indicando que os treze filhos deviam amparar os seus velhos e dignos paes, assim como um numero egual de pilares sustentava o edificio. Dois d'esta numerosa familia mostraram desde muito novos as melhores disposições: Christiano Gellert, de quem vamos tratar, e seu irmão Christlieb, que foi depois inspector de minas em Freyberg, e é auctor estimado dos *Elementos de chimica metallurgica e de docimasia*, que o barão de Holbach traduziu em francez.

A mãe de Gellert era mulher bondosa e de exemplar doçura. O pae era o typo da probidade; amava a poesia, e sabía-a inspirar a seus filhos, principalmente a Christiano, que mandou para uma das boas escholas de Meissen. O modo como então se derramava o ensino superior na Allemanha sería mais prejudicial que util ao moço Christiano, se para combater o enfado dos methodos não fosse prendado com as mais altas qualidades.

Foi em Meissen que Gellert apertou os laços de amizade que o ligavam a alguns dos homens que depois formaram a pleiade de litteratos celebres do seu tempo, entre os quaes figurava o satyrico Rabener.

Em 1734 seguiu o curso da universidade de Leipzig, aonde tambem o acompanhou Rabener. Seu pae, tendo feito muitas despezas com a educação de outros filhos, viu-se obrigado a mandar sair Christiano da universidade, quando apenas contava quatro annos do curso.

Gellert quiz seguir a profissão ecclesiastica, porque fizera estudos especiaes de theologia; mas certo dia, não podendo continuar um sermão sem recorrer aos apontamentos que conservára no fundo do chapeo, e vendo que mesmo á vista dos apontamentos se distrahia, convenceu-se para logo que não era aquella a sua vocação, e entregou-se ao ensino particular.

N'aquella epocha (1740) gozava boa saude. Não fôra ainda accommettido pela enfermidade que lhe havia de ir pouco a pouco destruindo a vida. Encarregado da educação de um de seus sobrinhos, voltou em 1741 a Leipzig, cidade que estimava particularmente, e onde estabeleceu, passado tempo, definitiva residencia.

Continuou alli os estudos da universidade, para se formar em uma das faculdades e poder dedicar-se ao

ensino publico. O assumpto da sua these foi o *Apologo*. Esta dissertação, que é por sem dûvida um trabalho notavel, e na qual esboçou e analysou os antigos fabulistas allemães, foi como a introducção das suas fabulas, cujo germen já se lhe desenvolvia na mente, e figura á frente das *Fabulas e contos*, em todas as edições das suas obras.

Principiam d'aqui os lavores litterarios. Gellert compunha pequeninas obras em prosa e verso, e dava-as á publicidade em diversos semanarios de litteratura. Não se apurára, todavia, o gosto na patria de Gœthe e Schiller. A lingua nacional não era honrada como devia de sel-o. Na sociedade passava em moda e com desvanecimento o uso das linguas estranhas, sobre tudo franceza, e isto dava á conversação um caracter extravagante e semi-barbaro. Rastejava a poesia, em vez de erguer-se altiva; e os poetas, que adulavam os grandes e poderosos, antes cantavam o nascimento, as nupcias e os anniversarios festivos das pessoas de elevada condição e abastadas, ou choravam em sentidas nenias os seus desgostos, do que cantavam as glorias da patria ou lastimavam as suas desgraças.

Animos mais despreoccupados e corações mais nobres procuravam, comtudo, vencer tal degradação e envilecimento. O critico J. C. Gottsched mostrára-se contrario ao mau gosto da epocha, porém com tanto



Christiano Gellert

pedantismo, que pouco sympathica se tornou a sua opposição. No entretanto, um grande serviço se lhe deveu: foi desembaraçar o terreno, guiar a litteratura allemã para o bom caminho, e preparar discipulos que deviam ser mais distinctos que o mestre. Entre estes conta-se o poeta Hagedorn, narrador e fabulista, que, assim como o seu coetaneo Haller, mostrava o que podia e valia a poesia allemã.

O moço Gellert filiára-se no partido do grande litterato Gottsched, mas separou-se d'elle, como outros discipulos, quando o mestre, singularmente encolerisado e despeitado, aggredia sem prudencia os antigos partidarios e discipulos, que via já seus rivaes nas letras.

A polemica exaggerada não se harmonisava com a indole pacifica, nem com a probidade de Gellert. Deixou, pois, com os seus amigos, entre os quaes se contavam nomes já illustres, como Klopstock, Kleist, Rabener, Schlegel, Schmidt, etc., a publicação onde Gottsched reinava como despota, e resolveu-se a fundar com elles duas outras publicações com os titulos de *Novas contribuições para distracção do espirito* e *Collecção de obras varias*, que logo conquistaram sympathias e applauso.

Encontrava-se n'estas duas publicações o que a litteratura allemã, nos seus diversos ramos, podia apresentar mais perfeito. Excluíra-se qualquer satyra pessoal; os mais intimos laços de amizade ligavam os collaboradores; estes reuniam-se uma vez por semana; cada qual apresentava a sua obra, lia-a em voz alta, apresentava-a para se discutir, ouvia as observações e acceitava as emendas. Em tão auspicioso cenaculo não assomavam invejas nem rivalidades; entreapparecia a ambição, é verdade, mas a ambição de serem uteis e de se exercitarem no bem.

Aquelles mancebos comprehendiam superiormente a amizade, e a todos e em tudo se avantajava Gellert. Prova-se isto com a sua correspondencia, e especialmente na que trocava com Rabener. Gellert era o amigo fiel, dedicado e sensivel.

«Cada amigo novo, diz elle na sua correspondencia, é nova felicidade que profundamente agradeço ao ceo. Não conheço mais nobre distracção que reunir na mente os amigos e consideral-os como formando

uma só familia no mundo. Sinto-me feliz quando observo ora um ora outro, e em cada qual descubro prendas e merecimentos diversos, porém em todos o mesmo sentimento para o que é bom e bello, e corações sensiveis, nobres e generosos! E mais feliz sou quando considero tambem que pertenço a essa familia, e como a alma se me exalta com o desejo de tornar-me digno d'elles!»

De outra vez exclamava:

«A amizade é um grandissimo sentimento! e quão pequeno é o numero dos que sabem apreciar este dom do ceo e utilisar-se d'elle!... Que diria o mundo, que não póde comprehender taes delicadezas, se nos ouvisse fallar d'este modo? Julgaria que disparatavamos. Mas que temos com a opinião d'essas almas frias e pusillanimes, que parece ignoram a sua propria natureza?»

As obras de Gellert ganharam-lhe muitos amigos, e até amigos desconhecidos, que, sob o véo do anonymo, lhe testimunhavam a elevada consideração em que tinham o seu engenho e o seu caracter. E o maior triumpho que póde desejar um poeta, um escriptor em geral, é merecer, tanto por seu procedimento como por seu talento, a admiração e a estima dos homens bons e probos. Tambem é uma prova de que o escriptor póde inspirar confiança e dar ao leitor a convicção que o animava e dirigia.

Gellert alcançou na vida mais que um d'estes triumphos lisonjeiros.

Nenhum podia ser-lhe, porém, mais sensivel que a homenagem de um nobre estrangeiro que não vira nunca, e que nem sequer conhecia.

Admirador sincero das obras de Gellert, o barão de Chaussen mandou offerecer-lhe uma pensão. O poeta não possuia riqueza; sabiam-n'o todos. Era, comtudo, orgulhoso. Procedeu como homem brioso e honrado: não acceitou o offerecimento do barão de Chaussen.

Annos depois, em 25 de janeiro de 1759, escrevia-lhe Christiano Gellert, em uma triste circumstancia, a seguinte carta:

«Não conhecendo ninguem que tenha prestado mais serviços que vós a minha mãe, deveis de ser, meu generoso amigo, a primeira pessoa a quem eu participe a sua morte. Acabei de receber esta má nova, e assim que julguei mais serenada a minha afflicção, e cumpri o dever da piedade filial derramando abundantes lagrimas, assentei-me para vos escrever: o meu coração, profundamente consternado, não póde nem quer hoje expandir-se em outro objecto... A ultima benção de minha mãe foi para vós e para mim. Em nome d'esta alma bemaventurada, meu bom amigo, vos agradeço os beneficios com que a favorecestes durante tantos annos... Minha prezada mãe não comprehendia que um estranho podesse por tanto tempo prestar-lhe um beneficio que nem ella nem seu filho mereciam, como a posteridade, se tiver conhecimento de tal rasgo de philanthropia, não comprehenderá que um homem esclarecido, admirador das boas letras, longe da minha patria, sem que eu lhe soubesse o nome, me offerecesse uma pensão do modo mais generoso e delicado, e depois da minha recusa mandasse essa pensão a minha mãe, que elle só conhecia pelas minhas cartas. Amei sempre minha mãe, e por isso, até o ultimo suspiro, amarei e venerarei o seu bemfeitor...»

Bastava só este facto para se provar, no caso de ser necessario, que era bem fundado o triumpho que alcançaram para logo as obras de Gellert, principalmente as *Fabulas e contos*, que vieram a lume em 1746, e se viam em todas as mãos.

Encantava realmente possuir, em fim, um livro ao alcance de todos, escripto na lingua nacional; um livro onde tudo era simples, natural, facil; um livro onde a cada passo se nos deparavam lições de moral e exemplos de honradez. O estilo era fluente, sem pedanteria; o verso perfeito; a phrase propria, escolhida, sempre adequada ao assumpto. Graça, alegria, enlevos em todos os quadros. A arte, em vez de se abater para a protecção dos grandes e poderosos, erguia-se para o ensino dos pequenos e humildes. E d'ahi nasceu a popularidade de Gellert, que hoje parecerá acaso exaggerada, mas que foi um grande facto.

Vamos apreciar alguns d'esses quadros.

(Continúa)

## AS MINAS DE ALFARELLA DE IALES

### EM TRAZ-OS-MONTES

É geralmente sabido que a grande riqueza mineral do solo de Hespanha foi um dos incentivos que a esta região attrahiram successivamente os phenycios, os gregos, os carthaginezes e os romanos. «Em nenhum paiz do mundo (diz o geographo Strabão) se achou ainda, como em Hespanha, oiro, prata, cobre e ferro em tão grande quantidade, nem de melhor qualidade [1].» Se acreditarmos alguns historiadores antigos, o descobrimento das primeiras minas de Hespanha foi devido a um infeliz acaso. Infeliz, dizemos, porque a riqueza do seu paiz, incitando a cubiça dos estrangeiros, custou aos hespanhoes rios de sangue e a perda da sua liberdade.

Dizem, pois, aquelles auctores, que havendo uns pastores lançado o fogo a alguns mattos, na raiz dos montes Pyreneos, o incendio em breve se estendeu ás espessissimas selvas que cobriam aquella cadeia de montanhas, do lado da Iberia; e tal foi a violencia do fogo, que, havendo queimado a superficie do terreno, fez correr regatos de prata derretida [2]. Como quer que fosse, o certo é que os phenycios se deram com o maior cuidado á exploração das minas de Hespanha; depois d'elles os carthaginezes; e por ultimo os romanos, que primeiramente lançaram sobre ellas um tributo, ou as arrendaram aos particulares que as queriam explorar; e por ultimo se apossaram de um certo numero de minas, cujas excavações faziam por conta do estado, conservando, quanto ás restantes, o mesmo systema de arrendamento a particulares ou a companhias, por uma certa quantia fixada de antemão [3].

N'esta tão notavel riqueza mineral não foi a Gallecia menos favorecida da natureza do que as outras provincias da Iberia. Segundo uma antiga tradição, referida por Justino, havia junto á fronteira d'esta região um monte sagrado, em que era prohibido tocar com o ferro; sómente quando o raio fendia a terra (o que acontecia frequentes vezes) era permittido recolher o oiro que ahi ficava a descoberto, como um presente da divindade [4]. Esta tradição, quanto a nós, mostra a facilidade com que se encontrava o oiro puro quasi á superficie do terreno. Mas a Gallecia offerecia tambem cobre, chumbo, ferro e vermelhão *(minium)*, que até deu o nome a um dos rios do paiz [5].

Nós suppomos que as minas da Gallecia só foram exploradas no tempo dos romanos. Nem os phenycios, nem os carthaginezes, passaram nunca, a nosso ver, para o norte do Douro; aquelles, quando muito, tocariam de passagem em algum ponto da costa. O interior do paiz estava, porém, inexplorado na epocha da primeira invasão romana na peninsula. Quanto aos naturaes do paiz, eram elles tão pouco cubiçosos de oiro como geralmente o foram todos os povos na sua primitiva. «Estes metaes (diz um escriptor nosso) não ti-

1 Strab. — *Geograph.*, liv. III, e Herodoto, liv. IV, 152.
2 *Aristot.* de Mirab. Anscult. Diodoro Sicul., liv. V, 35.
3 Romey — *Hist. de Hespanha*, parte I, cap. XII.
4 Justin. — *Hist.*, liv. XLIV, cap. III.
5 Id. ibid.

nham os hespanhoes tirado das minas por sua industria, nem d'ellas tinham conhecimento, nem uso; mas os tinham soltos e havidos *pro derelicto*, como coisa a elles inutil... E como aquella gente vivia na simpleza natural, ou, para melhor dizer, n'aquella felicidade, e não sabia o uso d'aquelles metaes, não padecia falta d'elles a troco do que havia mister [1].»

Os romanos, esses abriram na Gallecia amplas minas, de algumas das quaes ainda hoje restam mui notaveis vestigios. Taes são os que formam o assumpto d'este artigo, e que existem na freguezia de S. Miguel de Tres-Minas, no extincto concelho de Alfarella de Jales, comarca de Villa Pouca de Aguiar.

O erudito padre Argote, no seu curioso livro *De antiquitatibus conventus bracaraugustani*, deu-nos já uma minuciosa descripção d'estas excavações. Devemos, porém, á obsequiosa amizade do sr. Antonio Joaquim Gomes Pereira, da villa de Murça, a seguinte noticia, que elle obteve de um cavalheiro da localidade, e que passâmos a transcrever fielmente:

«A distancia, aproximadamente, de 1:250 metros do logar da Ribeirinha, entre norte e poente, existe uma excavação subterranea, que tem a sua entrada a fazer face ao nascente, partindo em direcção ao poente, começando no meio da encosta do monte; a qual excavação figura uma mina, tendo de largo, aproximadamente, 3 metros, e de comprido, até ao sitio aonde se póde chegar pelo subterraneo, pouco mais ou menos, 800 metros.

«N'esta excavação notam-se aos lados, e desencontradas umas das outras, certas concavidades, abertas na rocha a pico, ou com outro instrumento identico d'aquelles tempos, figurando guarda-roupas, e com 4 ou 5 decimetros de fundo; as quaes se suppõe servirem para quando uns operarios entravam e outros saiam, com materiaes ou carros, fazerem alli arrumo e não se estorvarem mutuamente. Ha em certo sitio, e depois do meio da mina, aos lados, uma especie de banquetas, que terão 3 a 4 decimetros de largura; entre estas duas banquetas existe agua estagnada, ignorando-se a sua profundidade; e chegando-se quasi ao topo da excavação, vê-se um oculo, que vem de cima em grande altura; e d'este sitio em diante ninguem tem passado, porque ha agua.

«Saindo d'esta mina, e subindo ao cimo do monte, encontra-se uma grande concavidade, que indica ter sido alagamento do terreno que desabou sobre a excavação subterranea, de que temos fallado, e que assim prohibe o seguimento d'ella por baixo do chão. N'esta concavidade, e na superficie do solo, acha-se matto de differentes especies e castanheiros com grandes troncos, que mostram ter seculos de existencia.

«N'esta concavidade, para a parte do nascente e no angulo do sul, desde a superficie do monte até á superficie da terra abatida, na altura de 40 metros, pouco mais ou menos, vê-se aberto na rocha, ao picão, um canal, que indica ter sido poço ou oculo quadrado, e que continúa através da depressão do terreno, sendo o oculo que se divisa quasi ao fim do subterraneo.

«Esta obra mostra ser de muitos seculos, e foi feita, sem dúvida, para exploração de mineraes, pois não indica que podesse ter outro fim. Tem-se encontrado em torno d'aquelles sitios ferro em differentes formatos, especialmente chato e quadrado, de differentes dimensões, mas nunca superiores a 1 metro, e sem cônfiguração que indique ter servido de instrumento para qualquer uso [2]. Na povoação do Ribeirinho, que é a mais visinha d'este local, existem nos cunhaes de varias casas umas pedras de granito, de 10 a 12 decimetros de comprido e 4 a 5 de largo, tendo no meio umas aberturas ovadas, que parece terem servido para n'ellas se moerem quaesquer substancias, como em almofariz. Nota-se que o terreno de que fallámos, em distancia de 5 kilometros para todos os lados, não produz pedra de granito.

«É quanto se póde dizer ácerca d'estas minas, que se denominam os *Lagos da Ribeirinha*.»

Na descripção que nos deixou o padre Argote, falla-se em outra excavação, que não é a que acima fica descripta, e na qual se notavam, a certas distancias, suas columnas e arcos bem lavrados, feitos, sem dúvida, para evitar a ruina da rocha onde era mais branda. Taes obras indicam o aperfeiçoamento a que os romanos haviam levado a arte da exploração das minas.

D. Miguel Sotto Mayor.

[1] Nunes de Leão — *Descripç. de Portugal*, cap. XXII.
[2] Será o ferro o mineral que os romanos extrahiam d'esta excavação?

---

## ABDUL-AZIZ, SULTÃO DA TURQUIA

(Vid. pag. 103)

III

A nacionalidade mais viva, mais forte, aquella que deve por todos os motivos substituir no oriente da Europa essa monarchia monstruosa que se chama imperio turco, é a nacionalidade hellenica. A invasão não conseguiu alteral-a, a não ser retemperando no fogo da adversidade a sua energia amollecida pela corrupção da corte byzantina. Maravilhosos decretos da Providencia, que preparam nas longas provações de quatro seculos de oppressão a regeneração de um povo! Foi a Grecia dos eunuchos e dos sophistas, a Grecia dos Commenos e dos Paleologos, a Grecia do Baixo-Imperio em fim (esta palavra resume tudo o que se póde imaginar mais infrene em corrupção e em vileza), foi a Grecia do Baixo-Imperio que ajoelhou maniatada aos pés de Mahomet II; foi a resurgida Grecia de Leonidas e de Milciades, a Grecia de Salamina e de Marathona que appareceu, fremente e heroica, apaixonada e sublime, tendo transformado os grilhões em espada, aos olhos da Europa, que applaudia com enthusiasmo, e do sultão, que recuava, como Dario ou Xerxes, diante do supremo esforço dos personagens de Eschylo.

*Græcia capta ferum victorem cepit*, diziam os romanos; não o podiam repetir agora. A rudeza turca ficou insensivel ao encanto magico d'essa harmoniosa lingua, d'essa arte esplendida, d'esse amor e d'essa concepção delicada do bello. Barbaro e brutal, o ottomano atravessou a formosa peninsula ao galope do seu ginete, arrasando os monumentos, passeiando o facho do incendio pelos bosques sacros, onde viçavam o loireiro de Apollo e a oliveira de Minerva. Em quanto o romano ajoelhava extasiado diante das estatuas de Phidias, o turco mutilava-as com o alfange despiedoso; em quanto os romanos estendiam, sorrindo, as mãos vencedoras aos floreos grilhões com que as gregas gentis lh'as prendiam, os turcos, até em amor despoticos, martyrisavam-lhes os pulsos frageis com grilhões de ferro, e arrastavam-n'as para os seus gyneceus infames. Mas qual foi a consequencia d'estas duas conquistas tão diversas? A Grecia, para conquistar os romanos pela seducção, teve de perder tudo quanto havia de varonil no seu genio, teve de se effeminar, de se corromper, de se transformar toda ella n'uma sensual hetaïre, em cujos braços vieram adormecer os romanos degenerados que já desprezavam a simplicidade austera e forte d'essa grave matrona que se chamava a republica. A fusão entre as duas raças operou-se, os conquistados absorveram os conquistadores, e d'esta união brotou um imperio latinogrego; mas, filho de uma ligação orgiaca, nasceu já com todos os elementos de corrupção e de decadencia; nasceu velho, se me posso assim exprimir; foi uma decrepitude monstruosa; foi o Baixo-Imperio em fim.

A conquista turca não teve os mesmos resultados.

Os vencidos não conquistaram os vencedores, mas tambem os vencedores não absorveram os vencidos; brutalisaram-n'os, opprimiram-n'os, e, como a oppressão origina forçosamente a resistencia, como o insulto provoca a ira, como o desprezo acorda o sentimento da dignidade, a alma viril da Grecia despertou ao sôpro da indignação, refugiou-se nos klephtas, heroicos proscriptos, que iam procurar nas montanhas a independencia. A alma d'esses homens, enervada pela vida das cidades, retemperou-se nas solidões sublimes, entre as neves immaculadas e a livre brisa das alturas. Mas essas montanhas conservavam ainda os nomes sonoros da antiguidade pagã; eram o Olympo e o Parnaso. As memorias da patria primitiva, as recordações vagas d'esse passado a um tempo grandioso pela civilisação, ridente pela poesia, austero pela liberdade, começaram a reviver no espirito dos gregos degenerados. A oppressão foi a cadeia que prendeu a Grecia antiga á moderna Grecia. Uma litteratura popular cheia de seiva, de ardor, de enthusiasmo e de originalidade surgiu como a expressão inevitavel d'essa hora de exaltação dos espiritos. Essa litteratura era ao mesmo tempo a manifestação da nacionalidade hellenica persistente entre os vendavaes; traduzindo as inspirações quotidianas do heroismo klephtico, do odio aos oppressores, voava nas azas da tradição para os tempos remotos, de que tinham ficado no espirito do povo umas vagas reminiscencias, e perfumava-se no aroma, para assim dizermos, fluctuante do paganismo em flor [1]. A nacionalidade que se manifesta por uma litteratura popular tão formosa como a da Grecia moderna não póde perecer. A poesia é a sua voz eterna, o seu gemido de dor, o seu canto de esperança. A lyra vela na sombra do templo da liberdade, em quanto o gladio não póde defender, lampejando ao sol das batalhas, a deusa sublimada.

N'essas canções, riquissimos fastos da vida do povo grego durante a oppressão, transparece constantemente o odio inveterado ao turco. É a canção que solta o klephta ao pôr ao hombro a carabina? Só falla de vingança contra os turcos, de degolar muitos filhos de Othman [2]. É a cánção em que a donzellinha gentil, anciosa de noivar, pede á mãe que lhe escolha um marido? Se a mãe pronuncia o nome de um turco, eil-a a donzellinha recuando com horror e exclamando que prefere a morte. É simplesmente a canção supersticiosa em que uma reminiscencia das antigas crenças pagãs vem povoar o espirito do cantor? É a figura de Kharos, o sombrio Charonte do velho lago Estygio, que passa, sinistro, na estrophe que tenta descrever a sua lugubre habitação? Vereis o ingenuo trovador dar a essa casa a côr verde, porque é a côr symbolica dos mahometanos, e, por conseguinte, côr odiada. Em tudo transparece, palpita esse odio implacavel que separa o conquistador do conquistado, o turco indolente e brutal do grego enthusiasta, activo e essencialmente poeta.

Mas, dir-me-ha o leitor, esse odio foi a oppressão que o produziu, com a oppressão deve findar. Desde o momento em que a Turquia entra com passos rasgados no caminho civilisador, e, por conseguinte, cessa de calcar aos pés uma raça inteira, apaga-se a injustiça secular, e apaga-se tambem a desculpa da revolta. Que importa? respondo eu. Ainda que a Turquia possa resgatar agora para com as provincias gregas que lhe ficaram nas mãos, depois da independencia do Peloponeso e da Attica, a brutalidade com que as opprimiu, ainda assim não consegue subjugar as aspirações do povo grego. Porque a questão da independencia não é para esse povo uma questão de vingança, é uma questão de principios. Quer-se emancipar porque sente em si uma nacionalidade vigorosa e activa, porque reconhece na sua litteratura espontanea, na sua educação, no seu aferro ás tradições, todos os elementos proprios para constituirem uma autonomia, porque estão as coisas no mesmo estado em que estavam ha quatro seculos, e os ottomanos, chegados parece que hontem, podem ser repellidos do solo que é grego e que profanaram. Na ilha de Candia, onde tão accesa anda a revolta, o dominio musulmano não só não é oppressor, mas até mesmo é leve o mais possivel. Parece que são os christãos os predilectos das auctoridades turcas desde 1856 para cá. Essa indulgencia, além de lhes ser quasi imposta pelo tratado d'esse anno, era tambem o primeiro passo dado no caminho das concessões. Isso de nada valeu nem ha de valer. Desde 1867 a rebellião tem sido quasi permanente. O que importam aos gregos da ilha de Creta as caricias, os afagos dos turcos? O que elles defendem n'esta lucta encarniçada é a santa causa da autonomia hellenica, é o principio sagrado da sua nacionalidade. E digamol-o nós, que tanto prezâmos os nossos fóros de nação livre, venderiamos a nossa independencia pelo oiro dos grilhões que nos arrojasse a Hespanha [1]?

Assim a nacionalidade grega é inconciliavel com o dominio dos turcos, muito mais agora, que tem um nucleo em torno do qual se agglomere. Esse nucleo é o pequeno e tumultuoso reino da Grecia. Da anarchia que alli tem reinado tiram os graves politicos europeus a inducção de que não são capazes os gregos de se governarem a si mesmos, e de que a creação de um poderoso estado hellenico em nada aproveitaria á civilisação européa. Menos do que a Turquia não podia, de certo, aproveitar. A Turquia marcha tropega e embaraçada na estrada do progresso; a Grecia, entre os seus tumultos, caminha tão desembaraçadamente, que em trinta e seis annos tem reconstruido vinte cidades antigas, fundado dez cidades novas, e levantado perto de mil e seiscentas villas e aldeias, queimadas pelos turcos [2]; a instrucção está n'esse pequeno reino o mais espalhada possivel [3]; em fim, tudo é actividade e exuberancia de vida, em quanto a ampla Turquia, galvanisada de quando em quando por algum choque energico, recae depressa no seu primitivo torpor e no seu resignado fatalismo. Eis as duas nações entre as quaes a Europa hesita, mas hesita pouco. De um lado uma nacionalidade exuberante, do outro lado um acampamento: opta pelo acampamento!

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

---

Via-se a deusa (Venus) toda ornada e enriquecida de joias, que mais pareciam roubadas á natureza que imitadas da arte: nos dedos anneis de diamantes, nos braços braceletes de rubins, na garganta afogador de grandes perolas, no toucado grinalda de esmeraldas, nas orelhas chuveiros de aljofar, no peito um camafeu em figura de Cupido, cercado de uma rosa de jacintos com os ais da mesma flor como raios; as alpargatas semeadas de todo o genero de pedraria, as roupas recamadas de oiro e tomadas airosamente em um centilho de saphiras. P. ANTONIO VIEIRA.

1 Veja-se o artigo de mad. Dora d'Istria sobre os cantos populares da Grecia moderna na *Revista dos dois mundos* de 15 de agosto de 1867, tomo LXX, 2.º periodo.

2 *La nationalité hèllènique d'après les chants populaires*, por mad. Dora d'Istria. *Revista dos dois mundos*, tomo LXX, 2.º periodo.

1 N'um folheto politico anonymo, publicado em 1858 em Paris, com o titulo: *La vérité sur les événemens de Candie*, folheto escripto expressamente para defender o governo turco, vem involuntariamente a prova da incompatibilidade a que nos referimos. Enumera as vantagens desfructadas pela população christã n'estes ultimos annos, e chega a dizer (pag. 20, nota 1.ª): *L'autorité musulmane a pour eux beaucoup plus de ménagements que pour les musulmans eux-mêmes.* Apesar d'isso, as revoluções rebentam com o vigor e com a unanimidade que sabemos. Não se reconhece n'isto a força expansiva de uma nacionalidade comprimida que prefere a emancipação a quaesquer vantagens materiaes?

2 Beulé—*Crète et la question d'Orient*—*Revista dos dois mundos*, tomo LXVII, 2.º periodo (15 de janeiro de 1867), pag. 300.

3 Veja-se um curioso artigo sobre a instrucção publica na Grecia, publicado no vol. XI do *Panorama* (3.º da 3.ª serie).